

## A experiência da leitura em ambiência digital: competências transmídia mediadas por protocolos de leitura

*The reading experience in digital environment:  
transmedia skills mediated by reading protocols*

Audrey Luiza de Oliveira<sup>1</sup>  
Carina Ochi Flexor<sup>2</sup>  
João Lucas Bezerra Amaral<sup>3</sup>  
João Vitor da Silva Rocha<sup>4</sup>  
Júlia Fialho Sales<sup>5</sup>  
Marcos Alexandre Souza De Oliveira<sup>6</sup>

### Resumo

A cultura digital vem provocando mudanças nas experiências leitoras, sobretudo quando se observa o universo livresco, uma vez que, além de incorporar distintos atores que participam da sua tessitura, aponta para novos protocolos de leitura que impactam diretamente sobre as práticas do ler. A partir de uma perspectiva dedutiva e tomando como referencial teórico Manovich (2002), Chartier (2011) e, ainda, Scolari (2018), o artigo reflete sobre as implicações dos protocolos de leitura incidentes sobre tais objetos livrescos e as competências exigidas por tais produtos frente a uma perspectiva do letramento transmidiático. Enquanto resultados, o artigo revela que as habilidades e competências requeridas por tais objetos são antes mediadas pelos protocolos de leitura do livro em ambiência digital.

**Palavras-chave:** livro-aplicativo, protocolos de leitura, letramento transmídia.

### Abstract

*Digital culture has been causing changes in reading experiences, especially when observing the bookish universe, since, in addition to incorporating different actors who participate in its texture, it points to new*

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em História do Departamento de História da Universidade de Brasília (UNB). E-mail: audrey\_luizaa@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Goiás (UFG), professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UNB) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: carina.flexor@fac.unb.br.

<sup>3</sup> Graduando do curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UNB). E-mail: joao.amaral\_16com@fac.unb.br.

<sup>4</sup> Licenciado em Física pelo Instituto de Física da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: jvdsrocha@gmail.com.

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: juliafialhos@hotmail.com.

<sup>6</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UnB). E-mail: oliverfac36@gmail.com.

*reading protocols that directly impact reading practices. From a deductive perspective and taking Manovich (2002), Chartier (2011) and Scolari (2018) as a theoretical reference, the article reflects on the implications of the reading protocols on such bookish objects and the skills required by such products in view of a transmedia literacy perspective. As a result, the article reveals that the skills and competences required by such objects are mediated by the protocols of books read in a digital environment.*

**Keywords:** *appbook, reading protocols, transmedia literacy*

## 1. Introdução

A cultura digital e, em especial, as tecnologias da informação e comunicação tem promovido distintas e profundas transformações em várias esferas da sociedade. Lidar com essas tecnologias tem sido algo crescente e manter-se conectado, uma rotina. Nesse horizonte, a quebra do polo de emissão e a conexão contínua (LEMOS, 2003), a partir das mídias sociais e inúmeros aplicativos intuitivos que se somam à locatividade dos artefatos tecnológicos de uso pessoal, apontam a tecnologia digital como promotora de amplas transformações sociais que acabam por reverberar em mudanças nos modos de consumir, produzir, armazenar e distribuir conteúdos e informações diversas.

Os processos comunicacionais em rede vêm, então, viabilizando a circulação de conteúdos verbocovisuais por distintas plataformas e interfaces gráficas de múltiplos dispositivos tecnológicos e, nesse sentido, observa-se que os atuais processos de circulação informacional têm promovido mudanças, como dito, nos modos de acesso e consumo, o que, em última instância, têm sinalizado para a emergência de competências específicas para lidar com os diversos *hardware*, *software* e seus protocolos.

Nesse campo, compreendendo a experiência da leitura como um processo de consumo de conteúdos diversos, as atuais tecnologias digitais têm, de outra forma, reivindicado uma espécie de letramento midiático/transmidiático que lhe é próprio. Ademais, se considerarmos o contexto das culturas colaborativas (JENKINS, 2006), viabilizado pelos fluxos próprios da rede, a leitura não pode ser mais apartada da experiência da produção e compartilhamento de conteúdos. Nesse horizonte, ler enquanto experiência de produção-consumo firma-se em um contexto que passa a exigir que se lance um olhar mais atento para a particularidade da natureza mesma da mídia digital, sobretudo porque a citada mídia opera a partir dos

pressupostos da pragmática computacional (Manovich, 2002) que, em última instância, tem gestado novas enciclopédias (ECO, 1991), definindo novos modos de acesso através de dicionários de gestos impostos pelas *affordances* que se apresentam nas telas, impondo, desse modo, desafios próprios à experiência do ler em si.

Acerca da questão vinculada ao letramento em ambiência digital, observa-se que os modelos mentais de realização da tarefa leitura-escritura passam a pressupor um conhecimento prévio ou inferências específicas dos leitores que, por sua vez, encontram-se em estágios de letramento digital distintos. Passam a ser interfaceados pela capacidade não só de decifração/interpretação, mas pela condição de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização da tecnologia por meio digital. De acordo com Carmo (2003), o letramento digital requer habilidades para construir sentido a textos multimodais, “textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros em uma superfície”, que se apresentam ao leitor quando da atualização da interface gráfica, configurando-se sempre enquanto potência de vir a ser. Mais além, tem exigido, dentre outras competências, a denominada *competencia con los medios y la tecnologia* (SCOLARI, 2018), uma vez que esta indica a compreensão sobre a ecologia midiática (SCOLARI, 2015), envolvendo conhecimentos acerca de suas características e linguagens, exigindo o domínio não somente da linguagem multimodal que se apresenta nas telas, mas também conhecimentos sobre as implicações da linguagem maquínica que sustenta essa mídia. Essa questão, inclusive, abarca a capacidade de avaliar e refletir sobre as características de *software*, *hardware* e aplicativos, impondo a emergência de habilidades relacionadas à colocação do conhecimento em prática. A ênfase dada à competência anteriormente mencionada se dá, sobretudo, porque, segundo o referido autor, esta estabelece papel direto e central em relação às demais competências do mapa taxonômico que propõe em seu estudo (SCOLARI, 2018).

A mídia digital, para além de exigir a prontidão cognitiva do sujeito (ROCHA, 2004) frente às demandas que viabilizam distintas interações suggestionadas pelas *affordances* nas telas dos artefatos tecnológicos, passa a demandar para si multiletramentos, demandando habilidades e competências específicas que, no contexto da ambiência digital, se complexifica, sobretudo, se pensarmos nos processos de convergência e hibridização de linguagens que, por sua vez, acabam por gerar múltiplas espécies de mídia (MANOVICH, 2002).

Assim, considerando a base comum digital dos produtos midiáticos, notadamente, ler e escrever não só requer o acionamento de enciclopédias (ECO, 1986) específicas – para lidar com as diferentes linguagens através das quais as narrativas agora se apresentam –, como também, por exemplo, para acionar o próprio andamento da narrativa e interagir com o conteúdo através da procedimentalidade inscrita no sistema-mídia.

Diante do exposto, o presente artigo, considerando a natureza própria da mídia-livro (MANOVICH, 2013), em particular dos livros-aplicativos<sup>7</sup>, dedicou-se a refletir acerca das implicações dos protocolos de leitura (CHARTIER, 2011; FLEXOR, 2018) incidentes sobre tais objetos livrescos, buscando salientar pontos para uma discussão acerca das competências exigidas por tais produtos frente a uma perspectiva do que se denomina letramento transmidiático. A partir da pesquisa bibliográfica e da observação e experiência de leitura de objetos empíricos, o texto foi sendo tecido observando seu caráter qualitativo-exploratório, de perspectiva dedutiva.

Enfim, considerando a pluralidade de espécies de mídia-livro, ademais as bases teóricas já mencionadas, o artigo buscou, a partir do arcabouço teórico-metodológico proposto pelo projeto *Transmedia Literacy* (SCOLARI, 2018), fundamentos que sustentem as reflexões pretendidas. De outra forma, o artigo admite os aspectos próprios da materialidade livresca em ambiência digital, discutindo os impactos do campo produtivo particular sobre a emergência de competências que passam a ser tecidas quando das práticas e experiências do ler em ambiente digital.

## **2. Sobre a experiência da leitura em ambiência digital: competências transmídia mediadas pelos protocolos do sistema livro**

Tomando como ponto de partida as mudanças promovidas na experiência da leitura de livros-aplicativos, o presente trabalho voltou as atenções para a materialidade do objeto livresco,

---

<sup>7</sup> Referem-se a uma categoria livresca em ambiência digital, indicando os livros digitais pertencentes ao universo dos *software*, despontam, dessa forma, como terreno fértil para o exame dos impactos sofridos pelas práticas e experiências da leitura na atualidade.

tomando-a como propulsora de transformações nas práticas do ler. Dessa forma, admitindo as camadas cultural e computacional da mídia-livro mediada por *software* (MANOVICH, 2002), a investigação se delineou ao considerar os protocolos de leitura do livro em ambiência digital (FLEXOR, 2018), reconhecendo a relevância destes frente aos modos de acesso, produção e consumo e, sobretudo, frente às competências exigidas pela nova ecologia midiática. Disse-se isso, pois, segundo Chartier (2011), os protocolos de leitura referem-se a vestígios como índices ou marcas imputadas na materialidade do objeto da leitura por parte de seus agentes produtivos. Vestígios que, em maior ou menor medida, segundo o autor, conduzem os modos de experimentar e consumir o objeto e, conseqüentemente, agindo como marcadores que conduzem, em alguma medida, a experiência do ler. Chartier (2011), em seu livro *Práticas de Leitura* propõe refletir sobre tais protocolos, indicando que o livro impresso circunscreve vestígios denominados de protocolos do autor/autoria e protocolos do editor/edição, destacando, dessa forma, os impactos de agentes produtivos do campo nos modos de ler.

Os protocolos de autoria dizem respeito aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto, inscrevendo um conjunto de dispositivos, como “senhas, explícitas ou implícitas” (Chartier, 2011, p.96) que, enfim, podem dirigir o sentido que se quer empregar. Funcionaria como uma espécie de leitura pelo autor autorizada, agindo como forma de assegurar, ou ao menos indicar, “a correta interpretação que se deveria dar a ele” (Chartier, 2011, p.10). Já os protocolos de edição, por sua vez, se referem ao que se produz na própria matéria, como marcas dadas na própria objetualidade que, de alguma forma, também parametrizam a experiência que se tem com dado objeto da leitura.

Partindo desse arcabouço teórico, Flexor (2018), por sua vez, propõe a reflexão sobre as espécies de mídia livro que a ambiência digital tem gestado – num processo de convergência de linguagens –, reconhecendo, a partir desses objetos empíricos, novos atores que passam a corroborar com o campo, tais como programadores, desenvolvedores de jogos, produtores de filme, designers de interface, entre tantos outros. Nesse horizonte, propõe uma reflexão acerca dos protocolos de leitura do livro em ambiência digital – em especial acerca dos livros-aplicativos – e, nesse sentido, reconhece, ademais os já sinalizados por Chartier (2011) – protocolos do autor e protocolos do editor –, também a incidência de vestígios imputados na materialidade livresca por esses agentes que agora passam a participar do campo produtivo editorial.

Assim, ao observar o livro-aplicativo, notadamente contaminado pela sintaxe computacional, observa-se que as experiências leitoras são, doravante, tangenciadas por outros tipos de vestígios que passam a colaborar com os correntes modos de ler. As transformações estruturais do livro são atravessadas pelas tecnologias da informação e ciências correlatas, passando a exigir não só expertises de áreas de conhecimento que vão muito além daquelas comuns aos processos produtivos do livro impresso, como também propiciam a colaboração dos leitores que, de mesmo modo, passam a participar da contextura livresca, assumindo o papel de *prosumer*, próprio das culturas colaborativas.

Nesse horizonte, então, além dos já reconhecidos protocolos identificados por Chartier (2011), identifica-se, também, os protocolos do sistema, os protocolos na leitura e os protocolos no espaço (Flexor, 2018), este último vinculado aos protocolos na leitura, uma vez que depende da ação do sujeito-leitor em sua experiência.

Admitir, nos livros digitais, os protocolos do sistema é aceitar que a sua natureza mesma, fundamentalmente a partir da camada computacional mediada por *software*, endereça vestígios à leitura. São, de outra forma, vestígios dados através das inscrições maquínicas que indicam a procedimentalidade dos sistemas que, por sua vez, se espelham nas interfaces gráficas, ganhando representações multimodais que, à sua maneira, indicam os modos de ler e experimentar determinada obra. Legitimar os protocolos do sistema, no caso particular dos livros-aplicativos, é assumir que a experiência da leitura é antes parametrizada pelos desenvolvedores das aplicações livrescas, mais além, é assentir uma espécie de modelização leitora que prevê, notadamente, habilidades e competências que, nem sempre, são totalmente desenvolvidas pelos legentes.

Concomitantemente, propiciada pela quebra do polo da emissão e ubiquidade dos *hardwares*, o livro se abre às apropriações dos múltiplos leitores, uma vez que permite *inputs* de dados – conteúdo multimodal e/ou dados ativos e/ou passivos extraídos por *hardware* e *software* –, que, por sua vez, originam vestígios aqui denominados de protocolos na leitura, de outra maneira, vestígios gerados por múltiplos legentes durante a experiência do ler. Ainda sobre esses últimos, podem ainda incidir o que se denomina de protocolos no espaço, vestígios demarcados durante a experiência e que se efetivam a partir dos deslocamentos ordinários



dos sujeitos que leem. Legitimar, por sua vez, os protocolos na leitura e os protocolos no espaço é assumir que a experiência da leitura de livros-aplicativos é também marcada pela ação dos muitos legentes, admitindo que, nesse horizonte, as habilidades e competências – e mesmo o nível de letramento – de um dado leitor-*prosumer* passam a parametrizar, em alguma medida, outras experiências leitoras.

Reconhecer os citados protocolos do livro-aplicativo é, então, assentir que a experiência da leitura é antes parametrizada pelo caráter procedural (MURRAY, 2003) e participativo (MURRAY, 2003; PLAZA, 2003) do sistema livro que, de outra maneira, se apresentam aos leitores através das *affordances* das interfaces gráficas e que, em última instância, orientam os modos de exploração do livro. De outra maneira, reforça-se que a experiência da leitura de livros-aplicativos é orientada pela estrutura procedimental dos protocolos do sistema – somada, muitas vezes ao conjunto de regras contidas no protocolo TCP/IP da rede – que, a sua maneira, define os parâmetros de execução de uma série de regras programáveis e, por isso, balizadoras da leitura, inclusive, parametrizando ou prevendo as possibilidades/limites da participação dos legentes no que se refere aos protocolos na leitura e no espaço. Assim, a colaboração é antes prevista pelas inscrições maquínicas dos protocolos do sistema e a produção dos muitos legentes depende não apenas do grau de abertura da obra (PLAZA, 2003; FLEXOR, 2018), como, sobretudo, de habilidades de produção de linguagens diversas que se somam e/ou são atravessadas pelas demais competências apresentadas na taxonomia proposta por Scolari (2018).

Figura 1: Modelo taxonômico de competências transmidiáticas proposto pelo TL Project (2018).



Vale observar que o referido mapa taxonômico, desenhado pelo time de pesquisadores do Projeto *Transmedia Literacy* (SCOLARI, 2018), sinaliza para competências relacionadas com a produção, consumo e pós-produção com as mídias em um contexto das culturas colaborativas, apresentando nove dimensões, a saber: competência de produção, competência de prevenção de risco, competência de performance, competência de gestão de conteúdo, individual e social, competência de mídia e tecnologia, competência de ideologia e ética e, ainda, competência de narrativa e estética, sendo que cada uma delas possui 44 competências principais e mais 190 específicas.

Como o processo da leitura em si evidencia certa complexidade, sobretudo, a mediada pelas tecnologias da informação e comunicação – o que permite muitas discussões frente a um detalhamento de cada uma das reconhecidas competências –, destaca-se aqui a dimensão da produção, sobretudo por compreender que, em ambiência digital, a experiência do consumo-leitura, dificilmente, estará dissociada da produção-escritura. Com esse recorte e recuperando as discussões acerca dos vestígios demarcados no objeto da leitura, pode-se afirmar que a experiência leitora de livros-aplicativos exige competências de produção que são, antes, mediadas pelos protocolos de leitura do livro digital, em especial, pelos protocolos do sistema-livro.

### 3. Conclusões

A amplitude e complexidade da citada taxonomia, certamente, permitiria maiores e mais amplas discussões, sobretudo, no que se refere às habilidades e competências exigidas pelos objetos livrescos aqui em discussão. O presente artigo antes de querer encerrar as discussões, pretende se conformar apenas como registro das primeiras reflexões, sinalizando para possíveis desdobramentos que podem ser tecidos acerca da relação objeto da leitura, experiência do ler e as habilidades e competências demandadas no processo de leitura-escritura em ambiência digital.

Nessa primeira investida, entretanto, pode-se afirmar que a materialidade particular dos livros mediados por *software* – constituídos a partir das lógicas dos algoritmos e estrutura de dados



–, prescrevem modos de acionamento do sistema o que, em outras palavras, sinaliza para os protocolos do sistema como demandantes de competências que, a prior, precisam ser desenvolvidas em maior ou menor grau a depender do sujeito e circunstância.

Mais além, pode-se ainda afirmar que os modos de acesso ao livro enquanto *software* são, antes, resultado de escolhas conformadas por desenvolvedores e/ou empresas que concebem a aplicação, passando a exigir dos seus leitores-usuários habilidades e competências previstas no processo de modelização leitora. Exigem e, de alguma forma, pré-definem capacidades necessárias ao consumo e produção de conteúdo para esses objetos livrescos. De outra forma, além da instrumentalização e *know how* exigidos para interagir com as interfaces gráficas, estes livros têm suscitado competências para a produção e consumo que são particulares.

Diante do exposto e da relação tecida entre a experiência do ler o os protocolos de leitura do livro digital, pode-se ainda sinalizar uma certa centralidade dos protocolos do sistema, como determinantes para os correntes modos de ler, ou seja, da relevância da linguagem binária e da urgência do desenvolvimento da anteriormente citada *competencia con los medios y la tecnologia* (SCOLARI, 2018).

Por fim, destaca-se que a mídia digital e, mais particularmente, o livro-aplicativo – em seus vários formatos e modos de apresentação – tem demandado "um conjunto de capacidades, práticas, valores, sensibilidades e estratégias de aprendizagem", aqui denominado de letramento transmídia (SCOLARI, 2018).

## Referências

Carmo, J. G. Botura (2003). *O letramento digital e a inclusão social*. Disponível em: <http://www.educacaoliteratura.com.br/index%2092.htm>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Chartier, R. (2011). *Práticas da leitura* (C. Nascimento, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade.

Eco, U. (1986). *Lector in fabula: A cooperacao interpretativa nos textos narrativos* (A. Cancian, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Eco, U. (1991). *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* (8a. ed.; G. Cutolo, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Flexor, C. O. (2018). *Da ontologia livresca à experiência da leitura em contexto digital: Entre a consonância e o conflito*. Tese de doutorado não publicada, Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Brasil.

Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. London and New York: NYU Press.

Lemos, A. (2003). Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In A. Lemos & P. Cunha (Orgs.), *Olhares sobre a Cibercultura* (pp. 11-23). Porto Alegre: Sulina.

Manovich, L. (2002). *The language of the new media*. Massachusetts: MIT Press.

Manovich, L. (2013). *Software Takes Command*. New York: Bloomsbury Academic.

Murray, J. H. (2003). *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Unesp.

Plaza, J. (2003). *Arte e interatividade: autor-obra-recepção*. ARS (São Paulo), 1(2), 09-29.

Rocha, C. (2004). *Da imanência ao inacabado: estéticas comunicacionais e interatividade na arte tecnológica*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, Brasil.

Scolari, C. A. (2015). *Ecología de los medios: Entornos, evoluciones e interpretaciones*. Disponível em: [www.gedisa.com](http://www.gedisa.com)

Scolari, C. A. (2018). *Teens, Media and Collaborative Cultures: Exploring teens' transmedia skills in the classroom*. (C. A. Scolari, Ed.) (1st ed.). Barcelona: Ce.Ge.